

bricum. huy

Carlossiana

ORFEU DA CONCEIÇÃO



[Handwritten signature]

VINICIUS DE MORAES

ORFEU
DA
CONCEIÇÃO

(TRAGÉDIA CARIOCA)

(Peça premiada no concurso de teatro do IV Centenário de São Paulo)

*DESENHOS DE
CARLOS SCLiar*

RIO DE JANEIRO

1956

A Susana de Mello Moraes,
minha filha

e

Raymundo Pinto,
meu amigo
pelo muito que deram a esta peça.



"Now strike the golden lyre again:
A louder yet, and yet a louder strain.
Break his bands of sleep asunder,
And rouse him, like a rattling peal of thunder.

Hark, hark! the horrid sound
Has raised up his head;
As awaked from the dead,
And amazed, he stares around."

JOHN DRYDEN

(Ode in Honour of St. Cecilia's Day").

"... sin pan, sin música, cayendo
en la soledad desquiciada
donde Orfeo le deja apenas
una guitarra para su alma,
una guitarra que se cubre
de cintas y desgarraduras
y canta encima de los pueblos
como el ave de la pobreza."

PABLO NERUDA

(La Crema)

O MITO DE ORFEU

Excerto de "La Leyenda Dorada de los Dioses y de los Heroes", de Mário Meunier.

"Orfeu teve desgraçado fim. Depois da expedição à Cólchida, fixou-se na Trácia e ali uniu-se à bela ninfa Eurídice. Um dia, como fugisse Eurídice à perseguição amorosa do pastor Aristeu, não viu uma serpente oculta na espessura da relva, e por ela foi picada. Eurídice morreu em consequência, e desde então Orfeu procurou em vão consolar sua pena enchendo as montanhas da Trácia com os sons da lira que lhe dera Apolo. Mas nada podia mitigar-lhe a dor e a lembrança de Eurídice perseguia-o em tôdas as horas.

"Não podendo viver sem ela, resolveu ir buscá-la nas sombrias paragens onde habitam os corações que não se enterneceram com os rogos humanos. Aos acentos melódicos de sua lira, os espectros dos que vivem sem luz acorreram para ouvi-lo, e o escutavam silenciosos como pássaros dentro da noite. As serpentes, que formam a cabeleira das intratáveis Eríneas, deixaram de silvar e o Cérbero aquietou o abismo de suas três bocas. Abordando finalmente o inexorável Rei das Sombras, Orfeu dêle obteve o favor de retornar com Eurídice ao sol. Porém seu rôgo só foi atendido com a condição de que não olhasse para trás a ver se sua amada o seguia. Mas no justo instante em que iam ambos respirar o claro dia, a inquietude do amor perturbou o infeliz amante. Impaciente de ver Eurídice, Orfeu voltou-se, e com um só olhar que lhe dirigiu perdeu-a para sempre.

"As Bacantes, ofendidas com a fidelidade de Orfeu à amada desaparecida, a quem êle busca perdido em soluços de saudade, e vendo-se desdenhadas, atiraram-se contra êle numa noite santa e esquartejaram o seu corpo. Mas as Musas, a quem o músico tão fielmente servira, recolheram seus despojos e os sepultaram ao pé do Olimpo. Sua cabeça e sua lira, que haviam sido atiradas ao rio, a correnteza jogou-as na praia da Ilha de Lesbos, de onde foram piedosamente recolhidas e guardadas".

A PROPOSITO DE "ORFEU DA CONCEIÇÃO"

As datas de saída dêste livro e da estréia, no Teatro Municipal desta cidade, de «Orfeu da Conceição» são propositadamente coincidentes. É uma espécie de festa que me deu, pois não me foi fácil escrever a peça, e muito menos encená-la. Há 16 anos, uma certa noite em casa do arquiteto Carlos Leão, a cavaleiro do Saco de São Francisco, depois de ler numa velha mitologia o mito grego de Orfeu, dava eu início aos versos do primeiro ato, que terminei com a madrugada raiando sôbre quase tôda a Guanabara. visível de minha janela. Só em Los Angeles, 6 anos depois, consegui encontrar o segundo e terceiro atos, sendo que êste último perdi-o, só indo refazê-lo em 1953 quando, a instâncias de meu amigo o poeta João Cabral de Mello Neto, resolvi concorrer ao Concurso de Teatro do IV Centenário de São Paulo.

É difícil prever o destino de uma peça de teatro, sobretudo quando foi, como esta, ensaiada em três meses apenas, por contingências dos meus deveres de diplomata com data certa para regressar ao pôsto. Três meses realmente heróicos, em que uma equipe de seis (o diretor Leo Jusi, e cenógrafo Oscar Niemeyer, o compositor Antonio Carlos Jobim, a figurinista Lila de Moraes, a coreógrafa Lina de Luca e o pintor Carlos Scliar) criou condições para um elenco de 45 figuras, com 10 atores principais, pisar em cena, depois de um exaustivo trabalho em que há que salientar primeiro a coragem e lealdade dos atores e logo em seguida a capacidade de trabalho e devotamento do diretor Leo Jusi. Mas a verdade é que deram todos, cada qual no seu setor, o máximo. São amigos meus, me merecem tudo — e eu lhes sou devotadamente grato.

Dentro de uma semana, às 9 da noite, no Teatro Municipal, cessarão tôdas as nossas agonias. Depois da «ouverture» para grande orquestra, escrita por Antonio Carlos Jobim especialmente para a peça, o pano se abrirá sôbre cenário de Oscar Niemeyer:

dois amigos muito queridos; duas obras que vivem a partir daqui perfeitamente integradas com a minha peça. Luiz Bonfá estará executando, da orquestra, o violão de Orfeu da Conceição, interpretado por Haroldo Costa: outros dois amigos a quem aprendi a querer muito. Os atores portarão os figurinos feitos por uma estreade em teatro como eu, como Oscar Niemeyer, como Antonio Carlos Jobim: minha mulher Lila de Moraes. E as gentis dançarinas dançarão os bailes que lhe foram marcados por uma outra estreade como coreógrafa de teatro: minha amiga Lina de Luca. E em tudo haverá uma côr, um desenho, um toque de Carlos Scliar: um cuja amizade vem de longe.

Escravo de meus amigos, de quem tudo recebo e a quem tudo dou, agora pergunto eu: que maior alegria?

E uma última palavra: esta peça é uma homenagem ao negro brasileiro, a quem, de resto, a devo; e não apenas pela sua contribuição tão orgânica à cultura dêste país, — melhor, pelo seu apaixonante estilo de viver que me permitiu, sem esforço, num simples relampejar do pensamento, sentir no divino músico da Trácia a natureza de um dos divinos músicos do morro carioca.

Rio, 19-9-1956. — *V. de M.*

ORFEU DA CONCEIÇÃO

TRAGÉDIA CARIOCA EM TRÊS ATOS

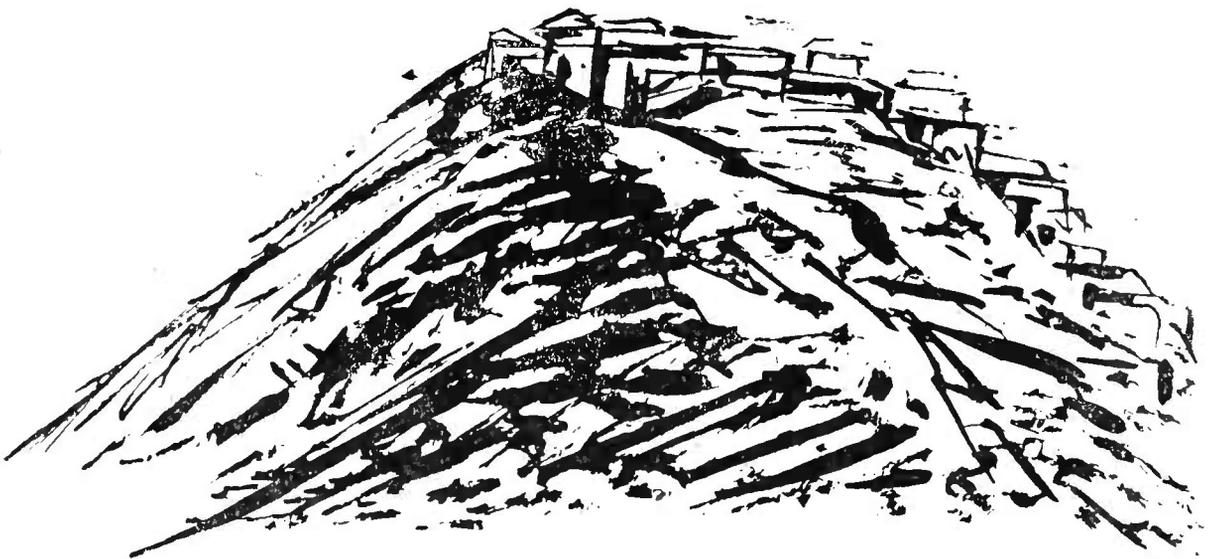
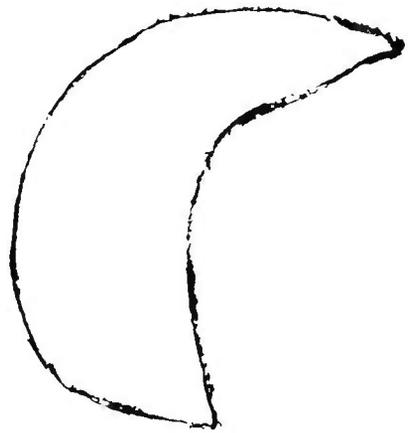
PERSONAGENS

ORFEU DA CONCEIÇÃO, o músico
EURIDICE, sua amada
CLIO, a mãe de Orfeu
APOLO, o pai de Orfeu
ARISTEU, criador de abelhas
MIRA DE TAL, mulher do morro
A DAMA NEGRA
PLUTÃO, Presidente dos "Majorais do Inferno"
PROSERPINA, sua rainha
O CÉRBERO
GENTE DO MORRO
OS "MAJORAIS DO INFERNO"
CÔRO E CORIFEU

AÇÃO: ——— *UM MORRO CARIOCA*

TEMPO: ——— O PRESENTE

Nota — Tôdas as personagens da tragédia, devem ser normalmente representadas por atores da raça negra, não importando isto em que não possa ser, eventualmente, encenada com atores brancos. Tratando-se de uma peça onde a gíria popular representa um papel muito importante, e como a linguagem do povo é extremamente mutável, em caso de representação deve ela ser adaptada às suas novas condições. As letras dos sambas constantes da peça, com música de Antônio Carlos Jobim, são necessariamente as que devem ser usadas em cena, procurando-se sempre atualizar a ação o mais possível.



PRIMEIRO ATO

CENA

O morro, a cavaleiro da cidade, cujas luzes brilham ao longe. Platô de terra com casario ao fundo, junto ao barranco, defendido, à esquerda, por pequena amurada de pedra, em semi-círculo, da qual desce um lance de degraus. Noite de lua, estática, perfeita. No barraco de Orfeu, ao centro, bruxoleiam lamparinas. Ao levantar o pano, a cena é deserta. Depois de prolongado silêncio, começa-se a ouvir, distante, o som de um violão plangendo uma valsa (*) que pouco a pouco se aproxima, num tocar divino, simples e direto como uma fala de amor. Surge o Corifeu.

CORIFEU

*São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua surge de repente
E se deixa no céu, como esquecida.
E se ao luar que atua desvairado
Vem se unir uma música qualquer
Ai então é preciso ter cuidado
Porque deve andar perto uma mulher.
Deve andar perto uma mulher que é feita
De música, luar e sentimento
E que a vida não quer, de tão perfeita...
Uma mulher que é como a própria lua:
Tão linda que só espalha sofrimento
Tão cheia de pudor que vive nua.*

(*) Obrigatoriamente a valsa «Euridice», de minha autoria — V. de M.

CLIO (*de dentro, a voz estremunhada*)
E' o violão de Orfeu... Escuta, Apolo.

APOLO (*também de dentro, bocejando*)
Deixa-te estar, mulher...

CLIO
Acorda, homem! é o sangue do teu sangue
Que está tocando!

APOLO
Então não sei? E' boa!
Ninguém como mulher para ter língua
Para dizer as coisas... qual! Quem foi
Que pegou no menino e ensinou êle?
Quem teve a idéia? Quem pagou o dinheiro
Pelo melhor violão? um instrumento
T'esconjuro! que, às vêzes, eu te juro
Clio, tocava com o roçar do vento...

CLIO
É mesmo. Foi você que ensinou êle...
Êle aprendeu, o meu Orfeu. Agora
Ninguém toca com êle, nem o mestre
Com quem ninguém tocava dantes. Ouve
Apolo, que beleza! que agonia!
Me dá uma vontade de chorar...

APOLO
Toca muito o meu filho, até parece
Não um homem, mas voz da natureza...
Se uma estrêla falasse, assim dizia.
Escuta só (*dá risada*). Até ofende a Deus
Tocar dessa maneira. Olha que acordes!
Quanta simplicidade! Sabes d'uma?

Me lembro dele quando, pequenino
Ficava engatinhando no terreiro
Nũzinho como Deus o fez; ficava
De bõca aberta, resmungando coisa
Olhando as estrelinhas que acordavam
De tarde, pelo céu... Èsse menino
Eu pensava, conversa com as estrêlas...
Vai ver conversa mesmo.

CLIO

Se conversa!

Mas fica quieto, peste. E' até pecado
Ficar falando com Orfeu tocando.

(A música, em acordes, desenrola-se sôlta, cada vez mais próxima. Já agora ritmos de samba começam a marcá-la, aqui e ali, ritmos saudosos que enchem a noite. Às vêzes chegam de longe sons, um cantar agudo de mulher, uma voz de homem que chama, pedaços soltos de um ensaio de batucada. Mas o violão cristalino predomina sempre. Num dado momento, a noite faz-se súbitamente muito escura, como se uma nuvem espessa tivesse encoberto a lua. Ao clarear a cena, Orfeu acha-se no tópo da escada, o violão a tiracolo).

ORFEU

Tõda a música é minha, eu sou Orfeu!

(Dá uma série de acordes e glissandos à medida que se aproxima da amurada. Vindas ninguém sabe de onde, entram voando pombas brancas que logo se perdem na noite. Próximo, uivam cães longamente. Um gato que surge vem esfregar-se nas pernas do músico. Vozes de animais e trepidações de fôlhas, como ao vento, vencem por um momento a melodia em pianíssimo que brota do violão mágico. Orfeu escuta, extático. Depois recomeça a tocar, enquanto, por sua vez, cessam os sons da natureza. Ficam nesse desafio por algum tempo, alternando vozes, até que tudo estanca, vozes, ruídos e música).

ORFEU

Eu sou Orfeu... Mas quem sou eu? Eurídice...

(Voltam por um momento os sons, os uivos de cães que se lamentam, o chilrear patético de pássaros nos ninhos. Depois a melodia do violão se retoma, como um carinho).

ORFEU

Eurídice... Eurídice... Eurídice...
Nome que pede que se diga coisas
De amor: nome do meu amor, que o vento
Aprendeu para despetalar a flor
Nome da estrêla sem nome... Eurídice...

(Tenta executar, em glissandos, o nome por que chama.
Depois ri beatificamente, balançando a cabeça).

CLIO (*de dentro*)

Orfeu? Meu filho, és tu? Que está fazendo?
Estás falando sozinho, filho meu?

ORFEU

Mãe, ainda não dormiu?

CLIO

Mas que pergunta!
Dormindo eu não estaria perguntando.
Onde está com a cabeça, Orfeu?

ORFEU (*baixinho*)

No céu.

(Ouve-se barulho dentro do barracão, e pouco depois surge Clio à porta. Fica parada, espiando o filho sem ser vista. Mais tarde aparece Apolo e os dois deixam-se estar, atentos aos menores gestos do tocador).

ORFEU (*num sussurro*)

Eurídice... Onde está você, Eurídice?

(Não para um segundo de tocar, como atendendo a uma música íntima. Mas de repente se volta, como sentindo-se observado).

ORFEU (*a voz meio agastada*)
Mãe? Pai? Que é isso? Já pra dentro!
Sair da cama quente com êsse tempo
Frio... Não têm juízo?

CLIO

Quem não tem
Juízo? O que pergunta ou o que responde?
O que quer dar um pouco do que é seu
Ou o que tinha juízo e que perdeu
E que nem sabe onde?

ORFEU (*como para si mesmo*)

Sabe onde.
Sabe onde! Minha mãe, neste momento
O juízo de Orfeu tem outro nome
Um nome de mulher... Neste momento
O juízo de Orfeu canta baixinho
Um poema de Orfeu que não é seu:
E' um nome de mulher... Neste momento
O juízo de Orfeu, todo de branco
Sobe o morro para encontrar Orfeu!

CLIO

Meu filho
Que é isso? Onde está o meu Orfeu?
Estou te estranhando tanto...

APOLO

Não te mete
Mulher, deixa o menino...

ORFEU

Não, meu pai
Foi bom até puxar o assunto. Eu...

CLIO

Tu estás tocando muito hoje, meu filho...

Tu sempre tocas muito, eu sei; mas hoje
Teu violão entrou pelo meu sono
Como uma fala triste. Que é que há
Com você, filho meu, que tua mãe
Sabe e não quer saber, e que agonia
A negra velha?

ORFEU (*carinhoso*)

Minha velha... (*corre a beijá-la*)
Mãezinha, como pode?...

CLIO

Uai, podendo!

Pois a gente não é de carne e osso
Não bota filho neste negro mundo
Não sofre, não capina, não se cansa
Não espreme o peito até dar leite e sangue
Não lava roupa até comer o sabugo (*olha Apolo de lado*)
Não sustenta um malandro, uma coisa ruim
Que só sabe contar muita garganta
E beber sem parar no botequim?
Pois a gente não é mãe, não cria um filho
Pra ser, como eu criei, absoluto
Pra ser o tal, querido e respeitado
Por homens e mulheres?

(Apolo olha Orfeu, levanta os ombros e interna-se no barracão. Ao emudecer sua mãe, o músico põe-se a tocar baixinho, em acordes nervosos).

ORFEU

Ah, minha mãe

Minha mãe, que bobagem! e para quê
Ofender o meu velho, homem tão bom
Quanto músico, êle que me ensinou
Tudo o que eu aprendi, da posição
À harmonia, e que se nada fez
E' porque fez demais, fez poesia...

CLIO

Ah, que eu já estou muito chata desta vida
Tomara já morrer...

ORFEU

Morrer sem ver

O filho de seu filho, que vai ser
O maioral dos maiorais?

CLIO (*chegando-se a êle*)

Que conversa esquisita é essa, meu filho?

ORFEU (*pondo-lhe as mãos nos ombros*)

Tão grande minha mãe, e ainda tão boba! (*Recomeça a tocar*)

Minha mãezinha, eu quero me casar
Com Eurídice...

CLIO (*a voz desesperada*)

Com Eurídice, meu filho?

Com Eurídice, nêgo? Mas... pra quê?

ORFEU (*dedilhando docemente*)

Eu gosto dela, minha mãe; é um gôsto
Que não me sai nunca da boca, um gôsto
Que sabe a tudo o que de bom já tive...
Aos seus beijos de mãe quando eu menino
À primeira canção que fiz, ao sonho
Que tive de chegar onde estou hoje...
Um gôsto sem palavras, como só
A música pode saber...

(Dedilha o violão, como à procura da expressão que lhe falta).

Minha mãe

Eu quero Eurídice e Eurídice me quer.
Teu Orfeu, minha mãe, também é homem
Precisa uma mulher...

CLIO (*embargada*)

Uma mulher ? !

Qual a mulher que Orfeu não pode ter?
E' só chamar... Meu filho, o morro é teu
E' só você; desde sua mãe, que é tua
Até a última mulher... Pra quê
Ir se amarrar, meu filho? Pensa um pouco
Você nasceu para ser livre, Orfeu!
Orfeu prisioneiro...

ORFEU

Você não entende, não; não sou mais eu
E' ela, minha mãe... Orfeu é Eurídice.
A música de Orfeu é como o vento
E a flor; sem a flor não há perfume
Há o vento sozinho, e é triste o vento
Sozinho, minha mãe...

CLIO

Escuta, filho

Eu sei, tudo isso eu sei; minha conversa
E' outra, Orfeu. Não é que eu seja contra
Você gostar de Eurídice, meu filho
Não tem mesmo mulata mais bonita
Nem melhor, neste morro — uma menina
Que faz gosto, de tão mimosa... mas
Pra quê? Eu te conheço bem, Orfeu
Eu que sou tua mãe, e não Eurídice
Mãe é que sabe, mãe é que aconselha
Mãe é que vê! e então eu não estou vendo
Que descalabro, filho, que desgraça
Êsse teu casamento a três por dois
Tu com essa pinta, tu com essa viola
Tu com êsse gosto por mulher, meu filho?
Ouve o que eu estou dizendo antes que seja
Tarde... Não que eu me importe... Mãe é feita

Mesmo para servir e pôr no lixo...
Mas toma tento, filho; não provoca
A desunião com uma união; você
Tem usado de tôdas as mulheres
Eu sei que a culpa disso não é só tua
O feitiço entra nelas com tua música
Mas de uma coisa eu sei, meu filho: não
Provoca o ciúme alheio; atenta, Orfeu
Não joga fora o prato em que comeste...
Você quer a menina? muito bem!
Fica com ela, filho... — mas não casa
Pelo amor de sua mãe. Pra quê casar?
Quem casa é rico, filho; casa não!
Quem casa quer ter casa e ter sustento
Casamento de pobre é amigação
Junta só com a menina; casa não!

(Enquanto sua mãe fala, Orfeu não para um só instante de tocar, como se discutisse com ela em sua música, às vezes com a maior doçura, às vezes irritado ao extremo. Ao ver, no entanto, a face dolorosa com que Clio termina a sua exortação, corre a ela e abraça-a).

ORFEU

Minha velha!

CLIO (*chorando*)

Meu filho, casa não!

(Põe-lhe os braços sobre os ombros, trazendo-lhe a cabeça, e beija-o rudemente sobre a testa. Orfeu conserva-se assim por um instante, meio curvo. Ao recuperar-se novamente, está sozinho. Olha atôa, atônito. Seu violão, como perdido, responde ao estado de alma que o toma em acordes lancinantemente dissonantes. A frase musical correspondente ao nome de Euridice reponta pungente em seu dedilhado agônico. Ele aproxima-se da amurada, voltado para as luzes da cidade. Uma lufada de vento traz sons como de harpa, que parecem enunciar o nome de Euridice. Tudo

é Eurídice na mecânica do instante, e a presença da mulher amada deve manter-se com uma força e fatalidade innarráveis).

ORFEU

Eurídice! Eurídice! Eurídice!

(O violão responde com três acordes semelhantes. Aos poucos, uma melodia parece repontar, com ritmos mais característicos, da massa informe de música que brota do instrumento. Orfeu, atento ao chamado, dedilha mais cuidadosamente certas frases. Aos poucos o samba começa a adquirir forma, enquanto a letra, espontânea, a princípio soletrada, vai se adaptando à música).

ORFEU (cantando)

Um nome de mulher

Um nome só e nada mais...

E um homem que se preza

Em prantos se desfaz

E faz o que não quer

E perde a paz.

Eu por exemplo não sabia, ai, ai

O que era amar

Depois você me apareceu

E lá fui eu

E ainda vou mais...

(Repete a melodia algumas vezes, cantando entre dentes e fazendo uns passinhos de samba. Quando acaba ri sozinho).

ORFEU

Eh! sambinha gostoso! estou te vendo

Descer o morro, meu samba... Ô turbilhão

De músicas em mim! Ih, já tem outra

Pronta para sair! Sossega, idéia!

Calma, violão! assim não adianta!

Vamos mais devagar... Deixa ver essa (*dedilha*)

Melodia... Frase para uma canção...

Uma canção a se chamar...

EURÍDICE (*que já se achava presente a algum tempo, a observá-lo*)
... Euridice!

ORFEU
Foi você que falou violão? ou foi
O nome dela no meu coração
Que eu disse sem saber?...

EURÍDICE
Foi não, foi não!
Foi o amor mesmo que chegou, Orfeu!
Sou eu, nêguinho...

ORFEU (*voltando-se, dá com ela e recua como ofuscado*)
Euridice! Visão!

EURÍDICE
Como passou o meu amor sem mim?
Pensou em mim? (*suspira*) Três horas e quarenta
Minutos sem olhar o meu amor
Ah! meu amor mais lindo...

(*Correm um para o outro e se abraçam apaixonadamente*).

ORFEU
Sofrimento!
Só sofrimento!

EURÍDICE
Ouve o meu coração
Como bate, nêguinho. Vim correndo...

ORFEU (*põe-se a soluçar, a cabeça oculta no colo da amada*)
Mulher, eu já nem sei o que me mata
Se é o amor que te tenho, tão maior
Que êsse meu doido peito, ou se a vontade

Impossível de amar-te mais ainda. (*afasta-se para olhá-la*)
Ah, meu amor, como você é linda!

EURÍDICE

Só uma coisa no mundo é linda: Orfeu! (*beija-o*)

ORFEU

Alguém chora de bobo... não sou eu!

EURÍDICE (*beijando-lhe os olhos*)

Lágrimas do meu imenso amor, lágrimas
Tão puras... sôbre a tua pele escura
Lembram estrêlas de noite... deixa eu ver
Quero beber uma por uma as lágrimas
Me embriagar de estrêlas...

ORFEU

Ah, nêguinha

Quanta saudade!

(Riem os dois, de mãos dadas, contemplando-se).

Eurídice, dizer

Que eu nasci antes de você nascer!
Como é que pode ser? o que é que eu era
Antes de Eurídice? um feixe grande de ossos?
Um bocado de carne e pele escura?
Dois pés e duas mãos? E o sentimento
A idéia, o que eram? Nada! O nascimento
De Orfeu foi quando Eurídice nasceu!

EURÍDICE

Doçura do meu peito! fala mansa
Que tôda me arrepiá! desgraçado
Que me matas de gôsto! tentação!
Ah não me fala assim tão doce não
Ainda não, ainda não, senão Eurídice
Vai ser tua antes de ser...

ORFEU (*tomando-a nos braços*)

Paixão!

Paixão que me alucina e me dá vida!
Mulher do meu amor aparecida
Eu te quero pra mim!

EURÍDICE

Ainda não!

Por favor, meu amor, um segundinho
Só; daqui dois dias nos casamos
Como se combinou; já está tratado
O casamento e tudo; já cosi
Meu vestido de noiva, comprei véu...
Vamos fazer assim como Deus quer
Não é mesmo?

ORFEU (*abraçando-a violentamente*)

Paixão, paixão, paixão

Paixão por ti, mulher!

(Beijam-se num embate irresistível, enquanto novamente o céu escurece como se uma nuvem ocultasse a lua. Sons como vozes informes parecem vir do vento, em meio dos quais repontam súbitamente os gemidos agoniados de Eurídice).

EURÍDICE (*a voz embargada*)

Não, meu nêguinho. Pelo amor de Deus
Ainda não! ainda não!

(A luz da lua volta a iluminar a cena. Orfeu desembaraça-se lentamente do abraço da namorada).

ORFEU

Perdão, Eurídice

Se é que é possível o amor pedir perdão.
Dois dias mais... é tanto tempo. Eurídice... (*muda de tom*)
Tá bem. Faço das tripas coração
Morro de amor, tá bom?... porque a morena
Não me quer...

EURÍDICE (*num gemido*)
Peste, demônio, coisa ruim! me mata
Mas não me fala assim...

ORFEU
Minha adorada
Eu estou brincando, bem querer...

EURÍDICE
Desculpa...
A culpa é minha, eu sei...

ORFEU
Ninguém tem culpa
Minha nêguinha... é só amor — mais nada...

EURÍDICE (*suspirando fundo*)
Pôxa! estou com a cabeça revirada...

(Riem gostosamente. Depois novamente se abraçam, mas desta vez com infinita ternura).

ORFEU (*berçando a namorada*)
O meu amor tão bom... Meu bem... Meu bem...

EURÍDICE
Diz que mulher tem alma de gato. Tem.

(Riem mais, abraçados. Depois Euridice desenlaça-se).

ORFEU
Já, nêguinha?

EURÍDICE
E' preciso, meu amor...
Preciso dar uma chegada em casa
Ver mamãe.

ORFEU
Vê se volta, por favor...
Tenho um sambinha novo pra mostrar

E quem sabe se até você voltar
Não sai outro...

EURIDICE (*dirigindo-se ao violão*)
Me diga... sai, violão?

(Orfeu dedilha o instrumento à solta).

ORFEU
Ele disse que faz o que 'ocê manda
Meu coração.

EURIDICE (*benzendo-se*)
Cruz credo! até parece
Que essa viola fala de verdade...
Vai ver fala de fato.

(Orfeu, brincando, exprime coisas que lhe quer dizer, coisas
súplices que fazem a namorada rir).

Até, nêguinho.

Volto num instante.

(De repente retorna o vento, e os rumores estranhos da
noite. O violão toca agitado por alguns instantes enquanto Euri-
dice se afasta).

ORFEU (*num grito*)
Euridice!

EURIDICE (*voltando-se assustada*)
Que foi, Orfeu? alguma
Coisa, meu bem querer?

ORFEU
Não sei. Me deu
De repente uma coisa, uma agonia
Uma vontade de te ver...

(A cena clareia de modo fantástico, como se a intensidade
do luar tivesse aumentado sobrenaturalmente).

Querida!
Não vai não!

EURÍDICE

Meu nêguinho, que bobagem!
É um instantinho só. Volto com a aragem...

ORFEU

Porque você está assim, filhinha?
O que é que você tem?

EURÍDICE

E' a lua, coração.
E' a luz da lua, não é nada não.

ORFEU

Ai, que agonia que você me deu
Meu amor! que impressão, que pesadelo!
Como se eu te estivesse vendo morta
Longe como uma morta...

EURÍDICE (*chegando-se a êle*)

Morta eu estou.
Morta de amor, eu estou; morta e enterrada
Com cruz por cima e tudo!

ORFEU (*sorrindo*)

Namorada!
Vai bem depressa. Deus te leve. Aqui
Ficam os meus restos a esperar por ti
Que das vida!

(Euridice atira-lhe um beijo e sai).

Mulher mais adorada!

Agora que não estás, deixa que rompa
O meu peito em soluços! Te enrustiste
Em minha vida; e cada hora que passa
E' mais por que te amar, a hora derrama
O seu óleo de amor, em mim, amada...
E sabes de uma coisa? cada vez
Que o sofrimento vem, essa saudade

De estar perto, se longe, ou estar mais perto
Se perto, — que é que eu sei! essa agonia
De viver fraco, o peito extravasado
O mel correndo; essa incapacidade
De me sentir mais eu, Orfeu; tudo isso
Que é bem capaz de confundir o espírito
De um homem — nada disso tem importância
Quando tu chegas com essa charla antiga
Êsse contentamento, essa harmonia
Êsse corpo! e me dizes essas coisas
Que me dão essa fôrça, essa coragem
Êsse orgulho de rei. Ah, minha Eurídice
Meu verso, meu silêncio, minha música!
Nunca fujas de mim! sem ti sou nada
Sou coisa sem razão, jogada, sou
Pedra rolada. Orfeu menos Eurídice. . .
Coisa incompreensível! A existência
Sem ti é como olhar para um relógio
Só com o ponteiro dos minutos. Tu
Ês a hora, és o que dá sentido
E direção ao tempo, minha amiga
Mais querida! Qual mãe, qual pai, qual nada!
A beleza da vida és tu, amada
Milhões amada! Ah! criatura! quem
Poderia pensar que Orfeu: Orfeu
Cujo violão é a vida da cidade
E cuja fala, como o vento à flor
Despetala as mulheres — que êle, Orfeu
Ficasse assim rendido aos teus encantos!
Mulata, pele escura, dente branco
Vai teu caminho que eu vou te seguindo
No pensamento e aqui me deixo rente
Quando voltares, pela lua cheia
Para os braços sem fim do teu amigo!
Vai tua vida, pássaro contente
Vai tua vida que eu estarei contigo!

(As últimas linhas o violão de Orfeu já começa a afirmar uma nova melodia, que o músico retoma. O samba se vai pouco a pouco revelando, enquanto a letra se forma naturalmente, ao sabor do ensaio. Orfeu canta).

*Vai tua vida
Teu caminho é de paz e amor
A tua vida
É uma linda canção de amor
Abre os teus braços e canta a última esperança
A esperança divina
De amar em paz...*

*Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver!
Uma canção pelo ar
Uma mulher a cantar
Uma cidade a cantar
A sorrir, a cantar, a pedir
A beleza de amar...
Como o sol, como a flor, como a luz
Amar sem mentir nem sofrer
Existiria a verdade
Verdade que ninguém vê
Se todos fossem no mundo iguais a você!*

(As últimas línhas entra Mira).

MIRA

Tá bom, deixa... Sambinha novo, Orfeu?

ORFEU (*olhando-a casualmente*)

É. Samba novo. Como vai. Adeus.

MIRA

Ah, gostei muito da recepção...
Antes não tinha disso não, violão.

ORFEU

Ê. Boa noite. Vê se eu estou na esquina.
Se eu não estiver vem logo me contar.
Não me encontrando, eu estou em algum lugar.

MIRA (*mudando de tom*)

Que é isso, coração? me desprezando?
Antigamente 'ocê era diferente...
Me lembro um samba teu chamado "Mira":
Se lembra?

ORFEU

Dêsse lado de cá não escuto nada
De tanto que escutei conversa fiada.
Joga pro alto!

MIRA

Te manca aí, benzinho
Se fôsse outra pessoa que falasse
Você escutava direitinho...

ORFEU

Some!
Sacode o lombo, vira fada, voa!

MIRA

Tu com essas partes tôdas, coisa atoa!
Não faz um ano andava me pegando...
Se esqueceu?

ORFEU

Me esqueci. Ora essa é boa!
Que é que há pra lembrar que eu não me lembro?
Sou esquecido, esquecido...

MIRA

Talvez você precise
De alguém pra refrescar sua memória
Alguma suja, alguma descarada

Alguma vagabunda sem vergonha
Alguma mulatinha de pedreira
Metida a branca!

ORFEU (*voltando-se furioso*)

Mete o fé, ferida
Senão eu te arrebeno de pancada
A bôca carcomida!

MIRA (*enfrentando-o*)

É? Arrebenta
Se 'ocê é homem!

ORFEU (*chegando-se a ela*)

Vai-te embora. mulher, enquanto é tempo
Não me põe louco! faz o que eu te digo!

MIRA (*rindo sarcástica*)

Bancando o seu abob'ra... Nem te ligo...
Quem sabe até não quer me convidar
Para madrinha?

ORFEU (*como para si mesmo*)

Que é isso, Orfeu...
Muita calminha... Calma, homem, calma...

MIRA (*olhando-o com desprezo*)

É. Vou buscar.

O calmante, 'tá bom? Dizer que isso
Já foi o tal! Que é que te deu, Orfeu
Te puseram feitiço?

ORFEU

Vai levando...
Desaparece, Mira! Estou querendo
É paz, é muita paz. Não me chateia
Pelo amor de sua mãe, some!

MIRA (*cuspiendo*)

Ferida!

Ferida és tu, seu mal agradecido
Desprezar essa negra que te deu
Tudo o que tinha, tudo!

ORFEU

Calma, Orfeu

Muita calma...

MIRA

Vendido! Porcaria!

Filho duma cadela! Vai pro mato
Pegar a tua Eurídice!

(A essas palavras Orfeu avança sobre ela e agride-a a bofetadas. A mulher reage e os dois lutam violentamente por um instante. Numa separação momentânea Mira, atemorizada, recua).

CLIO (*de dentro, a voz assustada*)

Orfeu? Orfeu?

(Orfeu se retoma e por um momento deixa-se estar na mesma posição, ofegante, enquanto a mulher, apavorada, foge lentamente de costas, até desaparecer numa carreira).

ORFEU (*a voz alterada*)

Pode dormir quietinha, mãe. Sou eu.

CLIO (*no entressono*)

Não fica muito tempo nesse frio
Meu filho, vem dormir.

ORFEU

Já vou, mãezinha.

(Pega no violão e põe-se a tocar agitadamente. Depois vai serenando, em acordes que aos poucos se vão fazendo mais e mais alegres. Por fim o ritmo do samba já reponta. Dá uma sonora gargalhada).

Mulher... ah, mulher!

(O instrumento parece repetir a frase. Orfeu assovia. Depois o samba começa a aparecer).

Mulher, ai, ai, mulher
Sempre mulher dê no que der
Você me abraça, me beija, me xinga
Me bota mandinga
Depois faz a briga
Só pra ver quebrar!
Mulher, seja leal
Você bota muita banca
E infelizmente eu não sou jornal.

Mulher, martírio meu
O nosso amor
Deu no que deu
E sendo assim não insista, desista
Vá fazendo a pista
Chore um bocadinho
E se esqueça de mim.

(Ri gostosa, sonoramente. Enquanto a sua risada se prolonga, chegam novamente, informes, os ruídos da natureza, misteriosos como falas. A cena escurece como anteriormente. Orfeu, olhando em tórno, sai lentamente de cena, repetindo seu samba ao violão. Passados alguns segundos, entra solenemente Aristeu).

ARISTEU

Eu me chamo Aristeu, pastor de abelhas
Mas não há mel bastante neste mundo
Para adoçar a minha negra mágoa...
Aristeu, Aristeu, por que nasceste
Para morrer assim, cada segundo
Dêsse teu negro amor sem esperança?
Ah, Eurídice, criança! que destino
Cruel pôs-te, fatal, no meu caminho
Com teu corpo, teus olhos, teu sorriso
E tua indiferença? Ah, negra inveja

De Orfeu! Ah, música de Orfeu! Ah, coração
Meu, negro favo crepitando abelhas
A distilarem o negro mel do crime!
Orfeu, meu irmão, porque? porque teu vulto
Em forma de punhal no meu caminho?
Porque te fêz tão belo a natureza
Para não a Aristeu, amar-te Eurídice?
Porque razão te dizes meu amigo
Orfeu, se praticaste a crueldade
De seres como és, e sendo Orfeu
Seres mais bem amado? Ah, desgraçado
Aristeu, pobre vendedor de mel
Do mel de Orfeu! Tu, Orfeu, deste a colméia
Que um dia, entre as abelhas, de repente
Abriu na cêra o ninho da serpente
Que há de picar Eurídice no seio:
Negro seio que nunca há de dar leite...

(No final do monólogo entra Mira que escondida, deixa-se a observar Aristeu).

MIRA

Não é verdade, Aristeu: o seio negro
De Eurídice, daqui mais nove meses
Estará escorrendo leite branco
Para o filho de Orfeu! Eu sei, Aristeu
Eu sei porque eu ouvi!

ARISTEU (*voltando-se*)
Quem está aí?

MIRA (*aparecendo*)

Eu, Mira!

ARISTEU (*voltando-se possesso*)
Mentira! É uma mentira! (*agarra-a*)
Fala, mulher!

MIRA

Se você me sufoca

Assim como é que eu vou poder falar?

ARISTEU

Então cala!

MIRA

Isso não! Vou te contar

Tudo o que ouvi Orfeu dizer a Eurídice

E Eurídice a Orfeu. . . Não banca o otário

Aristeu!

(Põe-se a sussurrar-lhe ao ouvido, depois olha em torno. Afastam-se rapidamente. Poucos segundos depois, aparece Orfeu acompanhando no violão um choro que se executa longe no morro. A lua ilumina a cena. Mas de súbito tudo escurece, como anteriormente. Orfeu estaca e para de tocar. Logo, do fundo da sombra, cresce uma voz soturna, enorme, como ecoando numa câmara de eco).

A DAMA NEGRA

O homem nasce da mulher e tem

Vida breve. No meio do caminho

Morre o homem nascido da mulher

Que morre para que o homem tenha vida.

A vida é curta, o amor é curto. Só

A morte é que é comprida. . .

ORFEU

Quem falou?

(A cena clareia enquanto surge da escada, lenta, uma gigantesca negra velha, esquelética, envolta até os pés num manto branco, e trazendo nas mãos um ramo de rosas vermelhas).

A DAMA NEGRA

Sou eu, Orfeu; a Dama Negra!

ORFEU (*as mãos sobre os olhos, como ofuscado*)

Quem sois vós? Quem sois vós, senhora Dama?

A DAMA NEGRA

Eu sou a Dama Negra. Não me chamo.
Vivo na escuridão. Vim porque ouvi
Alguém que me chamava.

ORFEU

Não chamou!

Ninguém chamou aqui!

A DAMA NEGRA

Chamou, Orfeu

E eu vim.

ORFEU

Não veio! Aqui quem manda é Orfeu!

Mando eu!

A DAMA NEGRA

Hoje alguém me chamou que vai comigo
Para o fundo da noite vai comigo
Alguém que me chamou.

ORFEU

Não chamou!

Este é meu reino, aqui quem manda é Orfeu
Digo que não chamou!

A DAMA NEGRA

O mundo é meu

Orfeu, o mundo é meu. Tenho um instante
Para ficar, Orfeu. Depois, Orfeu
Tenho que ir adiante...

ORFEU

Vá embora

Senhora Dama! eu lhe digo: vá embora!
No morro manda Orfeu! Orfeu é a vida!
No morro ninguém morre antes da hora!
Agora o morro é vida, o morro é Orfeu
É a música de Orfeu! Nada no morro
Existe sem Orfeu e a sua viola!
Cada homem no morro e a sua mulher
Vivem só porque Orfeu os faz viver
Com sua música! Eu sou a harmonia
E a paz, e o castigo! Eu sou Orfeu
O músico!

A DAMA NEGRA

Orfeu, eu sou a Paz.

Não sou de briga, Orfeu...

ORFEU

Orfeu é forte!

Vá embora, Senhora Dama!

A DAMA NEGRA

Não.

Alguém chamou. Aqui esperarei.

ORFEU

Orfeu é muito forte! Orfeu é rei!

Vá embora, Senhora!

(Põe-se a tocar furiosamente em seu violão, em ritmos e batidas violentas. Os sons, à medida que se avolumam, vão criando uma impressão formidável de magia negra, de macumba, de bruxedo).

E, vá dançando!

(A Dama Negra, ao ritmo que se desenvolve cada vez mais rapidamente, põe-se a dançar passos de macumba, a princípio lenta, depois vertiginosamente, na progressão da música).

ORFEU

Dança, Senhora Dama! Dança! Dança!

(O movimento segue assim, num crescendo infinito até que, exausto, Orfeu para, com macabro e demoníaco som do violão. A cena escurece totalmente. Quando clareia, vê-se Euridice no mesmo lugar onde se achava a Dama Negra, também com um ramo de rosas na mão).

EURIDICE

Orfeu! Querido! Que é que aconteceu?

ORFEU (*olha-a com se não a reconhecesse*)

Euridice? Que sonho tive eu
Minha Euridice!

EURIDICE (*corre até êle*)

'Tado do meu nêguinho!

Eu demorei demais... Também mamãe
Não queria que eu viesse, deu conselho:
Menina, toma tento! espera um pouco
Sossega com êsse fogo, se resguarda
Patati-patatá. E eu conversando
Ela, dizendo que era só um instante
Que eu só queria te dizer boa noite.
Desculpa, meu amor...

ORFEU

Minha adorada

Perto de ti não penso mais em nada
Foi um sonho, passou...

EURIDICE

Fez algum samba?

ORFEU

Fiz dois.

EURIDICE

Fez algum para mim, Orfeu?

ORFEU

Tudo o que sai do violão é teu
Mulher...

EURÍDICE

Que mais aconteceu?

ORFEU

Nada. Mira veio me ver. Me provocou
Quase dou-lhe na cara uma pregada

EURÍDICE (*rindo*)

Bobo! Brigando atoa! Ciumada...

ORFEU

É. Perdoa a bobagem...

EURÍDICE (*beijando-o*)

Perdoado.

(Orfeu prende-a num beijo e os dois amorosos se enlaçam
estritamente, enquanto volta o vento e com o vento os sons
misteriosos da noite. Mas êles nada percebem, entregues à força
da sua paixão).

ORFEU

Mulher, não me maltrata assim, malvada
Não me maltrata assim...

EURÍDICE (*abandonada*)

Nêguinho

Nêguinho meu!

ORFEU

Ô que paixão danada!
Ô que paixão ruim!

(Enlaça-a pela cintura).

Minha adorada.

Porquê?

EURÍDICE

Meu bem...

ORFEU

Porquê? porquê?

EURÍDICE

Quer a sua morena tanto assim?

ORFEU (*a voz estrangulada*)

Não é nem mais querer... é coisa ruim
É morte!

EURÍDICE (*pensativa*)

Morte? Morrer... E se eu morresse?

Você ia sentir muito? Ou ficava

Quem sabe, até bastante aliviado?

ORFEU (*num soluço*)

Cala a bôca, querida! Se eu agora

Te perdesse eu iria te buscar

Fôsse no inferno, tanto que te quero!

EURÍDICE

Acaso pensa que eu também não quero?

ORFEU

E então porque, meu bem?

EURÍDICE

Você me quer?

ORFEU

Nada no mundo eu quero mais, mulher

Amor de minha vida...

EURÍDICE (*brincalhona*)

Mas depois

Não vai cansar de mim?

ORFEU

Depois, vai ser só um — nunca mais dois:

Eurídice e Orfeu.

EURÍDICE

Querido, escuta...

Mas aonde?

ORFEU

No barracão de Orfeu.

Na cama que Orfeu tinha preparado
Para a mulher que Deus lhe deu...

EURÍDICE

E os outros

E sua mãe, seu pai?

ORFEU

Tudo arrumado.

Tenho lá meu quartinho separado.
A cama é um pouco dura, sonho meu...

EURÍDICE

Hoje Eurídice é cama para Orfeu.

(Beijam-se de novo, ternamente, e entram juntos no barraco. À sua entrada a noite se faz imensamente clara e pássaros noturnos chilreiam invisíveis, enquanto melodias parecem vir da voz do vento. Mas logo surge de trás de um dos barracos o vulto de um negro alto e esguio, que se esgueira sorrateiramente e se vem plantar, num gesto dramático, em frente à casa dos dois amantes. Coincidindo com o seu gesto, e com uma nova música, patética, que vem dos ruídos da noite, a Dama Negra surge da sombra).

ARISTEU (*a voz soluçante*)

Eurídice!

A DAMA NEGRA

Eurídice morreu...

ARISTEU

Quem falou? Quem falou?

A DAMA NEGRA

Eu, Aristeu!

A Dama Negra, Aristeu...

ARISTEU (*num grito selvagem*)
Euridice!

A DAMA NEGRA
Tarde vieste, Aristeu. A tua Euridice
A tua Euridice morreu! Naquela casa
Entre os braços do homem que a perdeu
Entre os braços de Orfeu, a tua Euridice
A tua Euridice morreu, Aristeu!

ARISTEU
Não, não morreu!
Está viva! Morrerá do braço meu!
Quero o seu sangue!

A DAMA NEGRA
Ela morreu, Aristeu!
Dentro daquela casa, a tua Euridice
Tudo o que tinha deu a seu Orfeu
Aristeu!

ARISTEU
Cala-te! Ela ainda não morreu!
Está viva, eu é que vou matar, sou eu!
Ou minha ou de ninguém!

A DAMA NEGRA
Qual, Aristeu...
Tudo o que a tua Euridice guardava
Já entregou a Orfeu.

(Aristeu, como um louco, investe para a casa, brandindo os punhos. Nesse momento ouvem-se as vozes confusas dos dois amantes e ambos, Aristeu e a Dama Negra, recolhem-se furtivamente à sombra. A porta se entreabre para deixar passar Euridice. Orfeu surge a meio corpo apenas, entre os umbrais. Beijam-se demoradamente).

EURÍDICE

Boa noite, meu amor.

ORFEU

Boa noite, amiga.

EURÍDICE

Como o corpo meu que foi teu, também
Meu pensamento está contigo!

ORFEU

Doce bem...

Pensa em mim, pensa bastante em mim!

EURÍDICE (*beijando-o*)

Meu

Homem! Meu adorado!

ORFEU

Todo teu

Todo teu, todo teu, o corpo, a alma
E a música de Orfeu!

EURÍDICE

Ah, que saudade!

ORFEU

Nem me fales, mulher, (*beija-a*) amor de Orfeu!

EURÍDICE

Dor mais gostosa só morrer no céu...
Meu homem!

ORFEU

Meu amor!

EURÍDICE

Meu doce Orfeu!

Boa noite, preciso ir...

ORFEU
Leva contigo

O meu amor...

EURÍDICE
Contigo fica o sangue

Do meu amor: amor, adeus...

ORFEU
Vai em paz, meu amor, toma cuidado
Pelo caminho! (*olha a noite*) A lua foi amiga
Não foi, amiga?

EURÍDICE (*beijando-o*)
Foi, amigo. Adeus!

ORFEU (*beija-a*)
Adeus!

(*Entra. Ao voltar-se Euridice, Aristeu, surgindo do escuro, um punhal na mão, mata-a espetacularmente. Euridice cai*).

EURÍDICE (*ao morrer*)
Adeus.

ARISTEU (*fugindo embuçado*)
Adeus, mulher de Orfeu!

(*A cena vai escurecendo lentamente, enquanto a Dama Negra surge do canto onde se ocultara. Tudo é silêncio. Com um gesto largo a Dama Negra tira o grande manto que a veste e cobre com êle o corpo de Euridice morta enquanto cai o pano*).

FIM DO PRIMEIRO ATO





SEGUNDO ATO

CENA

O interior do clube "Os Maiorais do Inferno", num fim de baile de terça-feira gorda. Cenário e ambiente característicos do nome, com grande margem para a sugestão de um "ballet", sem prejuízo, no entanto, do equilíbrio clássico que deve ser mantido no decorrer da ação. Pares e indivíduos isolados dançam pelo salão sem música, entre as sombras rubro-negras de refletores a insinuar a presença do fogo. Todas as figuras secundárias, homens e mulheres, vestem-se com o uniforme da sociedade carnavalesca, sendo que no caso destas últimas a indumentária faz lembrar vivamente Euridice. Como nas orgias gregas, os homens perseguem as damas, que aceitam e refugam, ao sabor do movimento. Bebe-se fartamente, com unção, na boca das garrafas. Num trono diabólico, ao fundo, sentam-se Plutão e Proserpina, com uma côrte de mulheres à volta. Esse casal mefistofélico deve se caracterizar pelo tamanho e gordura, gente gigantesca, risonha, desperdiçada, a aproximar comparsas solitários, a gritar, a beber, insinuando, criando a festa.

PLUTÃO (*às gargalhadas, em tom altíssimo sugerindo o samba negro*)

Aproveita, minha gente, que amanhã não tem mais! Hoje é o último dia! Aproveitem, meus filhos, que amanhã é Cinzas! Não quero ninguém triste, não quero ninguém sozinho, não quero ninguém a seco! Encham a cara que a morte é certa! Amanhã é Cinzas, hoje é a alegria, o último dia da alegria! Afinal de contas, quem é que manda aqui?

PROSERPINA (*vivando*)

É o rei, é o rei!

TODOS (*em câoro*)

É o rei, é o rei!

PLUTÃO

Quem dá bebida dá alegria dá samba dá orgia?

TODOS (*marcando o compasso*)

É o rei, é o rei!

PLUTÃO (*erguendo-se em tôda a estatura*)

Quem é o rei?

TODOS (*aplaudindo vivamente*)

É O REI, È O REI!

(Dispersam-se como doidos, a marcar o tempo com palmas e sapateados, enquanto dançam ao sabor da frase, sempre repetida: "É o rei, é o rei!" Plutão e Proserpina riem-se a morrer. A seus pés as mulheres riem-se também, a se rolar sensualmente).

PLUTÃO (*no mesmo tom agudo*)

Triste de quem não quer brincar, que fica a labutar ou a pensar o dia inteiro! Triste de quem leva a vida a sério, acaba num cemitério trabalhando de coveiro!

TODOS (*em câoro, marcando o compasso*)

Acaba num cemitério, trabalhando de coveiro!

PROSERPINA (*bêbada, erguendo-se*)

E viva a orgia! È o reinado da folia! È hoje o último dia!
E viva!

TODOS

E viva!

PLUTÃO

Quem é que marca o tempo, meus filhos?

TODOS

È o bumbo!

(Ouve-se o som monstruosamente ampliado de um bumbo).

PLUTÃO

Quem é que marca o ritmo?

TODOS

È o tamborim!

(O mesmo, com um tamborim).

PLUTÃO

Quem é que marca a cadência?

TODOS

È o pandeiro!

(O mesmo, com um pandeiro).

PLUTÃO

Quem é que faz a marcação?

TODOS

È a cuíca!

(O mesmo, com uma cuíca).

PLUTÃO

Quem é que anima a brincadeira?

TODOS

É o agogô!

(O mesmo, com um agogô).

PLUTÃO

Então, o que é que faz a batucada?

TODOS

É o bumbo é o tamborim é o pandeiro é a cuíca é o agogô!

PLUTÃO

Então como é como é como é? Sai ou não sai êsse samba?

(Ouve-se o apito. Depois o primeiro e em seguida o segundo e terceiro tamborins. Logo entra a cuíca, num crescendo).

PLUTÃO (*altíssimo, superando a marcação*)

É o samba ou não é?

TODOS

É!

PLUTÃO

É gostoso ou não é?

TODOS

É!

PLUTÃO

É do diabo ou não é?

TODOS

É!

(O som atinge proporções fabulosas, enquanto todo o mundo se põe a dançar, batendo com os pés a marcação. Plutão e Proserpina dançam também, sôbre o estrado, entre as mulheres que rolam bêbadas. A cena conserva-se assim, por um tempo razoavelmente grande. De repente insinua-se, a principio longínquo, depois numa amplitude cada vez maior, a dominar a batucada,

o som cristalino de um violão que plange. Uma após outra, tôdas as figuras vão se immobilizando nas posturas originais do samba, e o som do batuque decresce, à medida que o das cordas aumenta. Só Plutão se ergue, como atônito e se inclina para ouvir. O instrumento corre escalas dulcíssimas, em trêmolos e glissandos que se aproximam mais e mais. De vez em quando, em meio à música, uma voz chama. É a voz de Orfeu).

A VOZ DE ORFEU (*longuissimamente*)

Euridice!

(Cada vez que a voz chama, cria-se um silêncio provisório do violão. Esses chamados alternam-se com a expressão carinhosa da música, da qual participa freqüentemente a frase musical correspondente ao nome da mulher amada. Em breve as mulheres apenas, não os homens, vão saindo do letargo em que se achavam e como desabrochando da imobilidade).

A VOZ DE ORFEU

Euridice! Euridice!

(A medida que o nome vai sendo repetido, as mulheres renascem totalmente, dando lugar então a que se ouça um prenúncio de cântico, coisa fragilima, espécie de sussurro ou frêmito vocal, como uma crepitação de vento, repetido dissonantemente pelas mulheres, em escalas sucessivas, até desaparecer, de tão tênue. Esse eco coral desdobra o patético do nome que a voz de Orfeu trouxe de longe).

A VOZ DE ORFEU

Euridice!

CÔRO DAS MULHERES

Euridice... rídice... ídice... dice... ice... ce... ce... eee...

A VOZ DE ORFEU (*tristissima*)

Euridice...

CÔRO DAS MULHERES

Euridice... rídice... ídice... dice... ce...

A VOZ DE ORFEU

Mulata...

CÓRO DAS MULHERES

Ai... ai... ai... ai... ai... ai... ai...

PLUTÃO (*erguendo-se arrebatadamente*)

Continua a festa! Continua a festa!

(A essas palavras imperativas as mulheres se imobilizam, enquanto os homens começam a despertar. Insinua-se, em meio ao som do violão, o toque da batucada).

PLUTÃO (*bradando*)

Alegria! É o reinado da alegria! Amanhã é Cinzas! Hoje é o último dia! E viva Momo! E viva a folia!...

PLANO DO CÉRBERO

Vê-se Orfeu que vem, tocando seu violão, uma grande expressão de mágoa estampada no rosto. Ele busca Eurídice em meio à loucura do Carnaval. Dirige-se para o clube dos "Majors do Inferno", onde se processa, infernalmente, a batucada. Mas, súbito, vê seu caminho barrado pelo Cérbero, o leão-de-chácara do clube, o grande cão de muitos braços e muitas cabeças, que investe contra ele ameaçadoramente, e só não o trucidaria porque Orfeu não para de tocar sua música divina, que o perturba. Quando o Cérbero avança, Orfeu recua, sempre tocando, e ante a música é o Cérbero que, por sua vez recua, sem saber o que faça. Pouco a pouco a música de Orfeu domina o Cérbero, que acaba por vir estirar-se a seus pés, apaziguado.

(A batucada prossegue em crescendo, dominando aos poucos os sons do violão. Assim permanece por alguns instantes. De repente, ouve-se um brado desesperado, um grito inarticulado, como de horror. Deve ser tão sobre-humanamente alto e súbito que o seu efeito seria o de traumatizar completamente a assistência).

ORFEU

Eurídice!

(Logo após esse grito aumentam os reflexos vermelhos do fogo, e em seguida faz-se a escuridão. Uma luz branca projeta-se sobre a porta de entrada, onde surge Orfeu, que para no limiar. Vem todo de branco, o violão a tiracolo. Ali se deixa estático, por um tempo suficientemente grande para que se realize no espaço o silêncio evocado por aquêl monstruoso grito. Ao soar seu violão, acendem se as luzes e o músico ingressa na sala. Toca um choro triste, ao som do qual dançam as mulheres, somente elas, em passos lânguidos, isoladamente. Orfeu passeia pela sala, e durante esse passeio as mulheres o requestram com os gestos de sua dança).

PLUTÃO (*pondo-se de pé, num brado*)

Quem sois tu?

ORFEU (*parando de tocar, enquanto se imobilizam as mulheres*)

Eu sou Orfeu, o músico.

PLUTÃO (*brandindo o punho*)

Em nome do Diabo, responde: quem sois tu?

ORFEU

Eu sou a mágoa, eu sou a tristeza, eu sou a maior tristeza do mundo! Eu sou eu, eu sou Orfeu!

PLUTÃO

O que queres?

PROSERPINA (*atirando-se nos seus braços, bêbada, a buscar-lhe a atenção*)

Êle quer é rosetar! Deixa êle, bem. Olha para mim!

PLUTÃO

Silêncio, mulher! Plutão está falando, Plutão, o rei dos infernos! Não quero ouvir nem o voar de uma môsca! Silêncio! (*dirigindo-se a Orfeu*) O que queres?

ORFEU

Eu quero a morte!

PLUTÃO

Para de fazer gracinha! Diz de uma vez: quem sois tu, e o que queres?

ORFEU

Eu quero Eurídice!

(A êsse nome as mulheres recomeçam em sua dança lânguida, enquanto murmuram).

AS MULHERES

Eu quero a vida, ninguém me dá vida, carnaval acabou, a vida morreu, acabou-se a vida, a vida sou eu, a vida morreu...

PLUTÃO

Em nome do diabo, diz o que queres, homem!

ORFEU (a voz grave e patética)

Eu quero Eurídice!

AS MULHERES (dançando)

Eu sou Eurídice. Eurídice sou eu. Quem foi que disse que eu não sou Eurídice? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice?

ORFEU (num gemido do violão)

Eurídice, querida. Vem comigo!

(Estende os braços para as mulheres, como a solicitá-las. Elas vêm, deixando-se namorar e desvencilham-se ao sabor do movimento).

PLUTÃO

Ninguém sai daqui sem ordem do rei! Pra fora, penetra! Maiorais do Inferno: ponham o penetra pra fora! Pra fora! Ninguém quer arigó aqui!

(Os rumores da batucada começam novamente a se acender. Os homens se movimentam, aproximando-se em passos medidos, ameaçadores. Mas Orfeu domina-os com a magia de seu violão. O movimento estaca por completo).

ORFEU

Não sou daqui, sou do morro. Sou o músico do morro. No morro sou conhecido — sou a vida do morro. Eurídice morreu. Desci à cidade para buscar Eurídice, a mulher do meu coração. Há muitos dias busco Eurídice. Todo o mundo canta, todo o mundo bebe: ninguém sabe onde Eurídice está. Eu quero Eurídice, a minha noiva morta, a que morreu por amor de mim. Sem Eurídice não posso viver. Sem Eurídice não há Orfeu, não há música, não há nada. O morro parou, tudo se esqueceu. O que resta de vida é a esperança de Orfeu ver Eurídice, de ver Eurídice nem que seja pela última vez!

PLUTAO

Pra fora! Aqui não tem Eurídice nenhuma. Tás querendo é me acabar com o baile, pilantra? Aqui mando eu! Pra fora, já disse!

PROSERPINA (*caindo bêbada sobre êle*)

O cara tá é cheio. . . Deixa êle, bem, senão é capaz de sair estrago. Vem cá, dá um beijinho.

PLUTAO

Espera, mulher! Como é que pode? Como é que pode tocar a festa? Precisa pôr o homem na rua! Não tás vendo que o homem tá de malícia?

AS MULHERES (*em côro*)

Eu sou Eurídice. . .

ORFEU (*movimenta-se de uma para outra*)

Vem comigo! Mulata, vem comigo! Sem você não há vida, não há música, não há nada. Vem comigo! Vem conversar comigo como dantes! Vem deitar na minha cama como dantes!

AS MULHERES (*dançando*)

Quem foi que disse que eu não sou Eurídice? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice?

PLUTÃO (*a voz aguda*)

Ninguém sai daqui sem ordem do rei! Aqui é o rei quem manda! Toca a música! Onde está a música? Cadê o bumbo o tamborim a cuíca o pandeiro o agogô? Toca o apito! Começa o samba! Não acabou o carnaval ainda não!

PROSERPINA

Não resolve... O homem tá de cara cheia. Deixa êle. (*Ri histêricamente*). Dôr de cotovelo tá comendo sôlta! Dôr de cotovelo tá comendo sôlta, minha gente!

ORFEU (*estonteado*)

Onde estou eu? Quem sou eu? Que é que vim fazer aqui? Como é que foi? Isso é o inferno e eu quero o céu! Eu quero a minha Eurídice! a minha mulata linda, coberta de sangue... Eu quero a minha Eurídice, que brincava comigo, a minha mulata do dente branco...

(As mulheres o rodeiam, dando-se as mãos. A batucada recomeça, baixinho, entre vozes e risadas perdidas. Estão todos bêbados, largados. Alguns homens correm, tontos, atrás de umas poucas mulheres que bailam à solta).

AS MULHERES (*acompanhando o bumbo e a cuíca em ritmo de marcha*)

*Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Já bateu a meia noite
Carnaval vai acabar.*

ORFEU (*os braços para o alto*)

Não, não morreu!

AS MULHERES

*Tinha uma, tinha duas
Tinha três, tinha um milhão
Tanta mulher não cabia
Dentro do seu coração.*

ORFEU

A minha Eurídice...

AS MULHERES

*Vamos, maninha, vamos
Na praia passear
Vamos ver o casamento
Ô maninha
Que acabou de celebrar.*

ORFEU

Eu e Eurídice...

AS MULHERES

*Vamos, maninha vamos
Na praia passear
Vamos ver a noiva bela
Ô maninha
E a marcha nupcial.*

ORFEU

Aonde? Aonde?

(Plutão e Proserpina riem e se abraçam, já meio dormindo).

AS MULHERES

*O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou...*

ORFEU *(que se pôs a beber de uma garrafa,
exaltado)*

Não! Era o maior amor do mundo! Era a vida, era a estrêla, era o céu! Era o maior amor do mundo, maior que o céu, maior que a morte! Eurídice, querida, acorda e vem comigo...

AS MULHERES

*Nessa rua, nessa rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão...*

ORFEU (*clamando*)

Eurídice, vem comigo!

(As libações continuam, gerais. Vários casais já dormem pelo chão. Alguns ainda dançam sambas caprichados, sem música. Um casal de malandros dança um em frente ao outro, jogando capoeira).

AS MULHERES (*pegando-se pelas mãos, e fazendo-se trocar os lugares, a cada linha. Os dois malandros continuam a capoeira*)

Os escravos de Job

Gostavam de brigar

Vira, mata, pega o zamberê

Que dá!

Guerreiro com guerreiro (bis)

Zip-zip-zá! (bis)

(Orfeu corre de uma mulher para outra, tentando separá-las. Mas o movimento sempre o repele. Ele bebe avidamente. Por aí então já todos dormem, com exceção das mulheres que cantam e dos dois malandros que dançam a capoeira, um em frente ao outro, à direita).

ORFEU (*brandindo a garrafa*)

Eu sou o escravo da morte! Eu sou aquele que procura a morte! A morte é Eurídice! Vem comigo, morte...

(Requesta as mulheres, mas estas se desvencilham. Orfeu pega o violão e dedilha. Por um momento os sons dulcíssimos dominam tudo e o movimento cessa totalmente, até que as mulheres, fascinadas, começam a seguir Orfeu em passadas lânguidas, medidas, enquanto o músico se afasta de costas, em direção à porta de saída. Mas quase no momento de sair, incutem, entre os acordes do violão, os ritmos pesados, soturnos da batucada. Os dois sons coincidem por alguns instantes, enquanto as mulheres, indecisas, fluem e refluem ao sabor dos dois ritmos).

ORFEU (*para as mulheres, apontando-as*)

Vem, Eurídice. Eu te encontrei. Eurídice é você, é você, é você! Tudo é Eurídice. Tôdas as mulheres são Eurídice. Quem é que quer mulher morta? Eu não quero mulher morta! Eu quero Eurídice, viva como na noite do nosso amor. Vem, minha vida...

(A aurora raia, pouco a pouco, entre as sombras rubras. Orfeu, voltado para fora, exclama).

ORFEU

É a madrugada, Eurídice... Lembra, querida, quantas madrugadas eu vi nascer no morro ao lado teu? Lembra, Eurídice, dos passarinhos que vinham aceitar o desafio do violão de Orfeu? Lembra do sol raiando sôbre o nosso amor? (*ergue os braços para a aurora*) Eurídice, tu és a madrugada! A noite passou, a escuridão passou. Espera, minha Eurídice! Eu vou, me espera...

(Vai saindo, tocando o seu violão, entre os acordes da batucada em pianíssimo. As mulheres correm empós êle, mas o ritmo presente as prende mais. A cada movimento para a frente respondem com um refluxo geral, lânguido, dentro do tempo do samba).

ORFEU (*bem longe*)

É a madrugada, Eurídice...

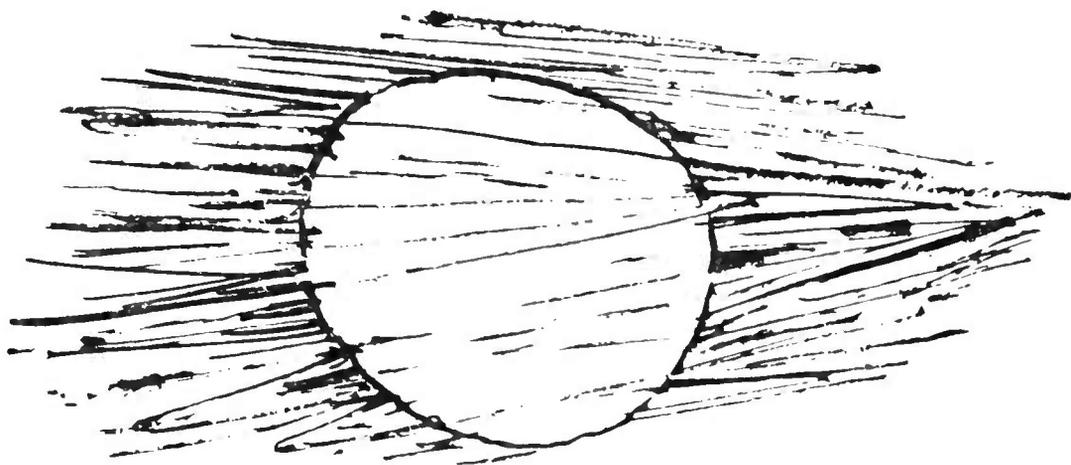
AS MULHERES (*em côro, dançando, cantam sem palavras, com sons em surdina que aumentam como violinos*)

Hum... m... m... m...

(A cena se conserva assim, as mulheres dançando lânguidamente, os dois malandros lutando capoeira, à direita da sala, que se faz mais e mais clara. Ouve-se sempre a voz de Orfeu e seu violão, muito longe, em meio ao toque em pianíssimo da batucada. Depois cai lentamente o pano).

FIM DO SEGUNDO ATO





TERCEIRO ATO

CENA

A mesma do I Ato. Crepúsculo. Em frente ao barracão de Orfeu vêm-se agrupamentos de pessoas que conversam "ad lib", em tom grave, atentas aos acessos de choro e, por vêzes, gritos animais de dôr que provêm de Clio no interior da casa. Entra o Côro.

CÔRO

PRIMEIRA VOZ

Ai, Orfeu...

SEGUNDA VOZ

Pobre Orfeu...

TERCEIRA VOZ

Orfeu tão puro...

QUARTA VOZ

Tão puro que de amor enlouqueceu...

QUINTA VOZ

Creio em Orfeu...

SEXTA VOZ

Criador de melodia...

PRIMEIRA VOZ

Orfeu filho de Apolo...

SEGUNDA VOZ

Nosso Orfeu!

TERCEIRA VOZ

Nasceu de Clio...

QUARTA VOZ

E muito padeceu

Sob o poder maior da poesia...

QUINTA VOZ

E foi pela paixão crucificado...

SEXTA VOZ

E ficou louco e abandonado...

CÔRO (*em uníssono*)

Desceu às trevas, e das grandes trevas ressurgiu à luz, e subiu ao morro onde está vagando como alma penada procurando Eurídice...

CLIO (*possessa*)

Ah, maldita! maldita! Que fizeste
Com o meu filho?...

APOLO (*aflito, de dentro*)

Sossega, coração.

Tem calma, Clio, pelo amor de Deus...

Olha os vizinhos, minha nêga.

CLIO (*aos berros*)

Vaca!

Prostituta! Cadela! Vagabunda!
Nasce de novo que é pra eu te comer
Os olhos! Sem vergonha! Descarada!
Nasce de novo, nasce!

APOLO

Minha filha

Minha filha, tem calma...

CLIO (*em prantos*)

Vai embora!

Sai de perto de mim! Quero o meu filho!
Onde está meu Orfeu?

APOLO

Está por aí

Quietinho que parece uma criança.
A doideira de Orfeu, mulher, é mansa...

(*Ouve-se um estertor de Clio*).

CLIO

Não, é mentira! Doido o meu Orfeu?
Ah, Deus do céu! Me leva bem depressa
Que é pra eu encontrar aquela negra
Que endoideceu o meu Orfeu! Me leva
Deus... (*muda de tom*) Não, não quero mais saber de Deus!
Que Deus é êsse que apagou assim
O espírito de Orfeu? Não quero Deus!
Deus de mentira, Deus de inveja, Deus...

(*Uma crise de pranto a interrompe*).

UM HOMEM (*fora*)

Credo! Que horror!

UMA MULHER (*benzendo-se*)

Virgem Nossa Senhora!

Pobre dessa mulher!

UMA SEGUNDA MULHER

Alguém devia

Fazer alguma coisa...

UMA TERCEIRA MULHER

É, é preciso

Chamar um médico...

UM SEGUNDO HOMEM

É? Tem cada uma...

Médico, aqui no morro...

(Dirige-se em tom zombeteiro a um outro homem).

Eh, você...

Pega na Cadilaque e chama o médico.

O OUTRO HOMEM (*sério*)

Acho-te uma gracinha...

O SEGUNDO HOMEM

Uai, porquê?

Foi a mulher que mandou...

A MULHER

Deus me defenda!

Nem se respeita mais a dôr alheia.

Quando Orfeu tava bom não era assim

Êsse morro era feliz.

UM VELHO (*balançando a cabeça*)

Ah, isso era!

Com Orfeu êsse morro era outra coisa.

Havia paz. A música de Orfeu

Tinha um poder a bem dizer divino...

UM OUTRO VELHO

É mesmo. E endoideceu. Pobre menino...

(Dentro do barracão recrudescem o choro de Clio. Do lance de degraus, surgem algumas mulheres com latas d'água na cabeça.

que se misturam aos circunstantes a comentar a cena "ad lib".
Apolo surge à porta).

APOLO

Não sei mais o que faça. São três dias
Dêsse martírio... Minha pobre velha!
Assim ela endoidece igual ao filho...

CLIO (*de dentro*)

Ah, quem me traz o meu Orfeu de volta
Ah, quem me traz... ..

APOLO

Meu Deus, que coisa horrível!
Porque é que nesse mundo não tem paz?
Porque tanta paixão?

CLIO (*chorando*)

Não posso mais!
Me matem, por favor...

APOLO (*aos circunstantes*)

Vocês aí...
Por favor, minha gente... -- qualquer coisa...
Pela estima que tinham ao meu Orfeu
Me façam qualquer coisa...

(*Entra enxugando lágrimas. Comentários "ad lib"*).

UMA MULHER

Que tragédia!
Nem eu não posso mais. Isso há três dias!
Essa mulher não aguenta. É necessário
Que vá alguém lá em baixo ver se traz
Um socorro qualquer...

UM HOMEM

Uma ambulância!
Tem o Pôsto da Praça. Eu dou um pulo.

UMA VELHA

Vai depressa, meu filho. E Deus te guie.

(O homem desce correndo. Por um momento faz-se um grande silêncio no grupo).

UMA MULHER

E Orfeu, onde andará?

UMA OUTRA MULHER

Anda vagando.

Passa os dias doidando pelo morro...
Meu filho ainda outro dia topou êle
Diz que é impressionante. 'Ocês conhecem
Meu garoto, não é? Não é medroso.
Pois bem: voltou tão impressionado.
Que foi preciso fazer reza nele
Pra passar...

(Faz-se um círculo à sua volta. Comentários "ad lib").

UMA TERCEIRA MULHER

Ih, menina!

UMA QUARTA MULHER

Como foi?

A PRIMEIRA MULHER

Foi assim: meu garoto vinha vindo
Da banca de engraxate (vocês sabem
Como êle, de levado, sobe o morro
Lá pela ribanceira...) Muito bem.
Vinha assim vindo. Estava escurecendo
Quando êle entrou na mata. De repente
Vê uma aparição! Esfrega os olhos:
Não, era Orfeu! Orfeu todo de branco
Como anda sempre, violão no peito
Braços abertos, boca com um sorriso
Como esperando alguém, alguém que veio
Porque êle olha pro lado de repente

Abre os braços assim e sai correndo
Vai embora. Meu filho segue êle
Mas Orfeu se escondeu quem sabe onde...
Pobrezinho! Tal qual alma penada...
Talvez pior, que está pensando em vida!

(Comentários "ad lib").

A SEGUNDA MULHER

E nunca mais ninguém ouviu um som
Sair do violão...

A TERCEIRA MULHER

É. Não tá certo.

Desandou tudo nesse morro. Tudo.
Quanta briga, meu Deus, que tem saído
Quanta gente mudando pra outros morros
Foi mau olhado, foi...

A QUARTA MULHER

Cala essa boca!

Não chama mais desgraça, criatura
Eu por mim vou-me embora. Aqui não fico.

(Comentários "ad lib").

A PRIMEIRA MULHER

E Mira, 'ocê já viu? 'Tá doida, Mira...
Doida varrida, Mira... Diz que fica
Lá na "Tendinha", Mira e mais aquelas
Outras rameiras que tem lá por cima
Fazendo tôda a sorte de estrupicio
Dizendo cada nome e enchendo a cara
Fazendo bruxaria noite a dentro
E falando que foi por causa dela
Que Aristeu, o criador de abelhas
Esfaqueou Eurídice, e que Orfeu
Está maluco assim por causa dela
Não por causa de Eurídice... Ora veja!

Ninguém não quer passar mais lá por perto...
E com tôda razão. Eh, mundo louco!

UM HOMEM

E lembrar dêsse morro há uma semana...
Nem parecia um morro da cidade!
Uma calma, um prazer, uma harmonia
Quanto samba de Orfeu de boca em boca
Quanta festa com Orfeu sempre presente
Quanta falta de briga...

(Comentários "ad lib").

UM OUTRO HOMEM

Eu que o diga!...
Foi Orfeu quem mudou a minha vida
Devo o que sou a êle. Antigamente
Era só valentia, briga atoa
'Té que êle veio e conversou comigo.
Orfeu não era um homem, era um anjo...
Agora digam: vale a pena?... Qual!
Mulher é perdição...

UMA OUTRA MULHER

E não faltava nada pra ninguém.
Qualquer necessidade, não sei como
Orfeu sabia e logo aparecia
Um dinheirinho — tudo samba dele...
Uma tristeza em casa? uma quizília?
Êle vinha, mexia, se virava
Sapecava um sambinha de improviso
Brincava... Um anjo! Tinha pés de santo...

(Uma mulher põe-se a chorar e sai correndo da cena).

A SEGUNDA MULHER

"Tadinha. Era tarada por Orfeu.
Foi namorada dele antes de Euridice
Nunca mais esqueceu...

(Ouve-se distante a sirene de uma ambulância que pouco depois cessa. Logo em seguida entram os ruídos longínquos de um batuque batido sobre caixas e latas. Esses ruídos devem se aproximar progressivamente durante as cenas que seguem).

A PRIMEIRA MULHER

É a ambulância!

(Corre ao barracão e grita da porta).

Eh, seu Apolo. Eu acho que é a ambulância...

APOLO (*aparecendo à porta*)

Coitada. Tá que é um trapo. Mas não dorme.

Choro sempre correndo do olho aberto

A mão no coração.

A PRIMEIRA MULHER

Avisa ela

Que é pra depois não dar alteração...

APOLO

Obrigado.

(Entra. O som do batuque que sobe faz se cada vez mais próximo. Surge, esfalfado, o homem que desceu para chamar a ambulância, acompanhado de um outro. Trazem com eles uma maca).

O HOMEM

Tá pronto, minha gente!

Trouxe a maca. A ambulância está em baixo

Que caras mais folgados... Adivinha

O que disse o doutor?... — Você são fortes

Subam e tragam a mulher que eu espero em baixo

E depressa que eu tenho um caso urgente

Me esperando..."

UM OUTRO HOMEM

Essa sopa vai acabar...

(Ouve-se dentro do barracão um grito desesperado de Clio).

CLIO

Não! Eu não quero ir! Me deixem em paz!
Eu quero o meu Orfeu! Cadê meu filho?
Onde está êle? Apolo, eu quero êle!

APOLO

Tá bem, minha filha. Fica sossegada.
Foi Orfeu quem mandou buscar você
Tá te esperando. Vem.

CLIO

Mentira tua!

Isso é mentira tua! Ah, Deus do céu
Porque sofrer assim?

APOLO (*surgindo à porta*)

Vocês aí...

Me ajudem por favor..

(Dois homens adiantam-se e entram no barracão. Ouvem-se de início murmúrios, depois berros seguidos de ruídos de luta e coisas quebradas. Em seguida Clio surge à porta esfrangalhada. Seu aspecto é terrível).

CLIO

Por caridade!

Não me levem daqui! Ah, não me levem
De junto de meu filho. Eu quero êle
Doido mesmo, é meu filho, é meu Orfeu
Por caridade, vão buscar meu filho
Vocês sabem, Orfeu da Conceição
Sujeito grande, violão no peito
Tá sempre por aí... Vocês conhecem
É o meu Orfeu... Dizem que endoideceu
Mas é mentira, eu sei. Orfeu é músico
Sua música é vida. Sem Orfeu
Não há vida. Orfeu é a sentinela
Do morro, é a paz do morro, Orfeu. Sem êle
Não há paz, não há nada, só o que há
É uma mãe desgraçada, uma mãe triste

Com o coração em sangue. É tudo isso
Por causa de uma suja descarada
Uma negrinha que nem graça tinha
Uma mulher que não valia nada! (*súbitamente possessa*)
Descarada! Ah, nasce de novo, nasce
Pra eu te plantar as unhas nessa cara
Pra eu te arrancar os olhos com êsses dedos
Pra eu te cobrir o corpo de facada! (*muda de repente de tom*)
Não, ela não morreu! Meu Deus, não deixa!
Eu quero ela pra mim, eu quero Euridice
Só um instantinho eu quero ela pra mim!
Eu juro que depois fico boazinha
Prometo, Deus do céu! Não quero nada
Só quero que me levem à cova dela
Que é pra eu cavar dentro daquela terra
Desenterrar o corpo da rameira
Ver ela podre, tôda desmanchada
Cheia de bicho...

APOLO (*corre para ela*)

Chega, Clio! Chega!

CLIO (*sacudindo-o longe*)

Ah, chega, Ah, chega! Até você, Apolo
Defendendo a rameira...

(Voa contra ele tentando agatanhá-lo. Vários homens correm em socorro de Apolo e dominam Clio. Ela luta furiosamente até que, exausta, se abate).

APOLO

Pronto. Agora

Ponham ela na maca. E vamo' embora.

(Nesse momento entra em cena o pessoal do batuque, cujo ritmo deve vir se aproximando ao longo das cenas anteriores. É um grupo de meninos engraxates, e batem com as escovas em suas caixas e latas. Não dão muita atenção ao que se passa e vão se acomodar a um canto, sem parar de bater, enquanto os circunstantes arrumam Clio na maca).

UM MENINO (*cantando*)

Paz, muita paz!

Paz, muita paz!

Que falta nesse mundo que ela faz, rapaz...

SEGUNDO MENINO (*que parece o chefe do bando*)

Não, essa não. Vamos cantar aquela
Outra de Orfeu, aquela que êle deu
Pra mim...

TERCEIRO MENINO

Você enche com êsse teu sambinha...

SEGUNDO MENINO

Tás ai pra isso, tás? Vá! Taca peito.

(O batuque entra, os meninos batendo nas caixas, enquanto o outro grupo começa a se movimentar, acompanhando a maca que transporta Clio. Ao mesmo tempo se inicia em voz baixa, que à medida vai crescendo, uma Salve Rainha rezada pelas mulheres. Aos poucos, com a progressão da reza, as pessoas que restam começam a se ajoelhar, enquanto a oração prossegue em meio ao batuque e às imprecações distantes de Clio. Os meninos cantam).

OS MENINOS

Eu e o meu amor

E o meu amor...

Que foi-se embora

Me deixando tanta dôr

Tanta tristeza

No meu pobre coração

Que te jurou

Não me deixar

E foi-se embora

Para nunca mais voltar...

La-ra-ra-ra-la
La-ra-ri-la-ra-ra-ra (bis)

(Repetem o samba cada vez com mais gosto, ao sabor do batuque. A reza prossegue, enquanto alguns homens e mulheres remanescentes saem com ar triste. De longe chegam gritos bêbados de mulheres, gargalhadas perdidas, ecos melancólicos de uma orgia a se processar em algum lugar no morro. A noite cai rapidamente. Ao se acenderem as luzes da cidade no longe, a cena escurece, surgindo logo após, o plano da "Tendinha").

PLANO DA "TENDINHA"

Um pequeno bosque no alto do morro, de árvores esparsas, solitárias. Noite de lua cheia. Um barracão com uma taboleta: "Tendinha". Ruído de conversas e gargalhadas de homens e mulheres no interior, com trechos ocasionais do samba anterior cantados agudamente. Algumas mulheres bêbadas saem para o terreiro em frente, entre as quais Mira).

MIRA (*trocando as pernas, súbitamente explode*)

Para êsse samba, para êsse negócio
Senão eu corto os cornos dum!

(O samba, no interior da "Tendinha", continue. Mira põe as mãos nos ouvidos e de repente investe porta a dentro, e faz parar o samba, em meio à agitação geral).

UMA MULHER (*bêbada*)
Que folga!

Que é que tu tás pensando aí, hein Mira?
Manéra, Mira... (*aos circunstantes*) Vamos com êsse samba
Pessoal! Tem umas caras que não quer
Mas tem outras que quer... Então, que é isso?
Quem é que manda aqui: é homem ou Mira?

MIRA

Vai-te tu sabes muito bem pra onde...
Põe banca não, perua, que eu te manjo...
Tu não dás nem prá saída.

A MULHER (*desdenhosa*)

Tirei de letra... Vai encher outro, Mira...
Se tu fôsses mulher como eu, Orfeu
Não te largava igual que te largou
Pior que um pano de cozinha. (*ri histérica*) Eu, não!
Orfeu ficou comigo uma semana:
Eu, a bacana!

MIRA (*as mãos nos quadris*)

Tu?... Muito bacana...

Bacana como casca de banana...
Bacana como fundo de boeiro...
Bacana como a sola do meu pé...
Assim é que tu é: muito bacana!

A MULHER (*ameaçadora*)

Te 'guenta, Mira...

MIRA (*fazendo dois passos para ela*)

Guenta você, mulher!

(Investe sobre ela e as duas se atracam. Logo acorrem homens e mulheres da "Tendinha", que as separam).

A MULHER (*debatendo-se*)

Deixa essa cara vir, deixa ela vir...
Vem, Mira! Pode vir!

MIRA (*soltando-se dos que a seguram*)

Dá até pra rir...

(Os circustantes carregam a mulher e algumas companheiras de Mira cercam-na. Dentro em pouco, o ambiente dentro da "Tendinha" parece se ter restabelecido e logo se ouve um novo samba, seguido de cantos e gargalhadas gerais).

TODOS (*em coro*)

Não posso esquecer
O teu olhar
Longe dos olhos meus...
Ai, o meu viver
É te esperar
Pra te dizer adeus...

Mulher amada!
Destino meu!
É madrugada
Serenos dos meus olhos já correu...

UMA MULHER

Deixa isso pra lá, Mira...

MIRA

É. Não tem nada...
Eu quero é encher a cara!

OUTRA MULHER

Tou nisso, hein Mira...

O HOMEM

Com'ê, Mira? Eles 'tão te reclamando...
Seja legal e vem fazer as pazes...
Vamos beber e cantar samba, Mira
Que a morte é certa...

MIRA (*súbitamente grave*)

É mesmo. A morte é certa...
É a única coisa certa nesse mundo.

(Volta-se e súbitamente corre para a "Teudinha", seguida das outras. Em breve, os ruidos, as conversas, as exclamações indicam que as duas mulheres fizeram pazes e o ambiente de farra se retomou. Logo depois, alguém começa a tocar um chorinho macio ao cavaquinho. Ato contínuo, entra em cena Orfeu. Vem cauteloso, por entre as árvores, olhando para o alto com um ar perdido. Trá o violão consigo).

ORFEU (*a voz surda, como a pedir silêncio*)

Ainda é cedo demais, amiga. A lua
Está dando de mamar prás estrelinhas...
Toma o teu tempo. Quando fôr a hora
Desce do céu, amor, tôda de branco
Como a lua. O mundo é todo leite
Leite da lua, e a lua és tu, Eurídice...
Chega de leve pelo espaço; desce
Por um fio de luz da lua cheia
Vem, ilusão serena, coisa mansa
Vem com teus braços abraçar o mundo
O mundo que sou eu, que não sou nada
Sem Eurídice... Vem. Baixa de manso
Surge, desponta, desencanta, explode
Como uma flor da noite, minha amada...
Aqui ninguém nos vê. Êsses que gritam
Não vêem, não saber ver. São todos cegos.
Cego só não sou eu que te respiro
Em cada aroma e te sinto em cada aragem
Cego só não sou eu que te descubro
Em cada coisa e te ouço em cada ruído
Cego só não sou eu que te recebo
Do mais fundo da noite, ó minha amiga
Minha amiga sem fim! quanto silêncio
Nos teus passos noturnos desfolhando
Estrelas! que milagre de poesia
Em tua ausência só minha! quanta música
Nesse teu longo despertar na treva!
Ah, deixa-me gosar tôda a beleza
Do momento anterior à tua vinda...
Espera ainda, espera, que o segrêdo
O segrêdo de tudo está no instante
Que te precede quando vens. Escuta
Amada... Onde é que estás que não te vejo
Ainda? e sinto já na noite alta

O tato de teus seios? Onde pousas
Anjo fiel, com tuas asas brancas
A fremir sôbre as copas? Ah, sim, te vejo
Agora... Estás ali... Porquê tão triste
Minha Eurídice? Quem magoou a minha Eurídice?
Não, não fiques assim... Porquê não falas?
Meu amor, me responde! Minha Eurídice
Banhada em sangue?! Não!

(Nesse momento chega um homem à porta da "Tendinha" e logo depois aparece Mira. Vem muito bêbada e meio descomposta. Um grupo de mulheres no mesmo estado a acompanha, assim como uns poucos homens; mas êstes, à vista de Orfeu, retraem-se com respeito).

MIRA (*alto, mostrando Orfeu*)

É êste o cara
De quem 'tavam falando?

UM HOMEM (*segurando Mira pelo braço*)
Deixa êle

Mira...

(Mira desvencilha-se dele com um sacolejão. Em vista disso o homem dá de ombros, faz um sinal aos outros e vão saindo todos devagar).

UM SEGUNDO HOMEM

Bom, minha gente, vam'a vida. É hora
De pegar uma boa berçolina.
Vam'bora, pessoal...

UM TERCEIRO HOMEM

Vam'embora, Mira.
Deixa o homem em paz! (*Saem*).

MIRA

Deixa o homem em paz... 'Tá boa...
'Tá assim por minha causa... louco, louco...

UMA MULHER (*em tom zombeteiro*)

Ah, é? Passa amanhã...

UMA SEGUNDA MULHER (*em tom mais
zombeteiro
ainda*)

É mesmo, Mira?

(As duas caem na gargalhada, logo acompanhadas pelas outras. À base dessas brincadeiras, as mulheres, bêbadas, dão-se trancos, dançam passos de sambas e brincam de capoeira. Mas o ambiente é tenso e ameaçador).

MIRA (*furiosa*)

Ah, ninguém me acredita... Suas negras!
Pois já vão ver...

(Chega-se a Orfeu e sacode-o brutalmente. O músico, que desde o início da cena não parecera dar pelas mulheres, sai do seu transe e olha Mira. A mulher sacode-o, depois num gesto arrebatado colhe-o pela cabeça e beija-o sobre a boca. Em meio a êsse beijo, Orfeu, desperto, atira-a longe. Mira rola por cima das outras, e algumas caem).

ORFEU (*alucinado*)

Pra fora, suas cadelas!
Pra fora, senão eu...

(Suspende o punho fechado ameaçadoramente, mas em meio ao gesto parece novamente perder-se. Olha para o alto, atônito, e depois chama baixinho).

ORFEU

Visão... Visão...

(As mulheres, como possessoras, açuladas por Mira, atiram-se sobre êle, com facas e navalhas. Como um Lacoonte, Orfeu luta para desvencilhar-se da penca humana que o massacra. Depois, conseguindo libertar-se por um momento, foge coberto de sangue, com as mulheres no seu encalço).

PLANO FINAL

O local do barracão de Orfeu. Tudo vazio. Luar intenso.

ORFEU (*chega correndo, coberto de sangue*)
Euridice! Euridice! Euridice!

(Cai. A Dama Negra surge da sombra).

A DAMA NEGRA (*falando com a voz de Euridice*)

Aqui estou, meu Orfeu. Mais um segundo
E tu serás eternamente meu.

ORFEU (*prostrado*)
Me leva, meu amor...

(As mulheres entram correndo, esfarrapadas e cobertas de sangue, como fúrias. Ao verem Orfeu caído, precipitam-se sobre êle e cortam-no louca, selvagememente. Depois dessa carnificina, Mira levanta-se, de entre as outras mulheres. Traz na mão o violão de Orfeu. Num ímpeto, arremessa-o longe, por cima da amurada. Ouve-se bater o instrumento, num som monstruoso. Mas logo depois uma música trêmula incute, misteriosamente e incerta. Apavoradas, as mulheres fogem. A Dama Negra aproxima-se do corpo e envolve-o com seu longo manto, enquanto a música de Orfeu se afirma, limpa e pura. A figura da Dama Negra cobrindo o cadaver de Orfeu com seu manto pouco a pouco esvanece. Entra o Còro).

CÓRO

*Juntaram-se a Mulher, a Morte e a Lua
Para matar Orfeu, com tanta sorte
Que mataram Orfeu, a alma da rua
Orfeu, o generoso, Orfeu, o forte.
Porém as três não sabem de uma coisa:
Para matar Orfeu não basta a Morte,
Tudo morre que nasce e que viveu
Só não morre no mundo a voz de Orfeu.*

F I M



SUMARIO

O MITO DE ORFEU	11
A PROPÓSITO DE "ORFEU DA CONCEIÇÃO"	15
PRIMEIRO ATO	17
SEGUNDO ATO	51
TERCEIRO ATO	65

ESTA EDIÇÃO ESPECIAL DE «ORFEU DA CONCEIÇÃO»,
DE VINICIUS DE MORAES, FOI PLANIFICADA E ILUS-
TRADA POR CARLOS SCLiar, SENDO A COMPOSIÇÃO
E IMPRESSAO DO TEXTO FEITAS NA IMPRENSA NA-
CIONAL. CAPA REALIZADA PELA FOTO SILK-SCREEN
LIMITADA. A CAIXA FOI EXECUTADA PELA CARTO-
NAGEM GUANABARA LIMITADA. A EDIÇÃO FOI TER-
MINADA EM VINTE E CINCO DE SETEMBRO DE MIL
NOVECENTOS E CINQUENTA E SEIS, NA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO.



